

VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**HISTÓRIAS VELADAS**

Mirtes de Moraes\*

**FIOS ENTRELAÇADOS: GÊNERO, ARTE E HISTÓRIA.**

Numa parede no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM)<sup>1</sup> encontrava-se essa obra no meio de tantas outras, o seu 'silêncio' provoca no espectador um incômodo,



são seis mulheres colocadas uma ao lado da outra, não há, a primeiros olhos, nenhum tipo de comunicação entre elas, estão isoladas pela moldura.

Com um olhar mais atento é possível começar a estabelecer uma relação maior entre elas, que além de serem mulheres, são negras. A artista Rosana Paulino se utiliza da técnica da transferência de xerox de fotografias de pessoas comuns para tecidos, mas ao transferir para o tecido, a artista

\* Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)  
Professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) Curso de Graduação do Curso de Jornalismo e do curso de Publicidade ministrando disciplinas: História da Arte e da Cultura, Sociologia e Antropologia.

<sup>1</sup> Exposição 140 caracteres – Museu de Arte Moderna (MAM- SP) 28/01-16/03/2014



intervêm com a agulha e a linha que são demonstrados por pontos desencontrados, propositalmente grosseiros.

Com as imagens mais ampliadas, observa-se que os pontos desencontrados proporcionam um aspecto agressivo à obra, nessa ao lado, a costura localiza-

se na boca da mulher. Deste modo, a obra que a princípio estava silenciada no seu canto exposto fez com que a questão do silêncio fosse repensada e atrelada às representações sobre os silêncios femininos.



“Aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Pois este silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão, gestual ou escriturária. O corpo das mulheres, sua cabeça, seu rosto devem às vezes ser cobertos e até mesmo velados”<sup>2</sup>

Na introdução de seu livro, a historiadora Michelle Perrot discorre sobre a questão do silêncio feminino que atravessa não apenas a fala em si, mas todo um conjunto de determinações que passam a ser inscritas no universo do contido, do regulado, do controle. Não seria ousadia demais acrescentar que além de silenciosas, as mulheres foram silenciadas. Assim, o adjetivo transforma-se em agente passivo e com esse deslocamento pretende-se observar como foi estabelecendo um papel social para o feminino.

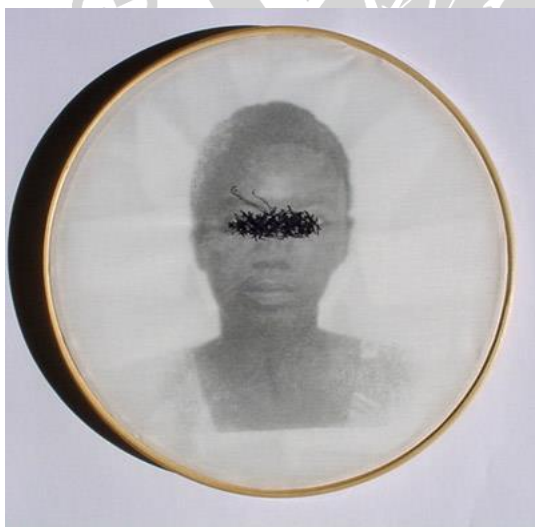
O esquadrinhamento do comportamento feminino deveria ser conduzido para a esfera do recolhimento tendo como campo de referência, o espaço doméstico, o cuidado com os filhos e o marido e as extensões desse mundo privado se atrelando as responsabilidades do lar como lavar, cozinhar, passar e bordar.

<sup>2</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005.

Assim, a administração da intimidade acabou gerando formas sutis de dominação que propunham criar âmbitos de procedimentos ditos como correto, para num mesmo movimento, marginalizar as que ali não se enquadravam.

Entrelaçando os fios entre as questões de gênero e a artista Rosana Paulino é possível observar que além da linha, dos pontos e do bordado já destacados, a artista alinhava a questão da representação dos ‘dotes femininos’ e ao mesmo tempo causa uma provocação ao colocar a ausência de capricho nos pontos grosseiros, questionando assim os dons “naturalmente” femininos.

Ao observar mais atentamente a acomodação das imagens, nota-se que a artista emoldura suas obras em bastidores, instrumentos próprios das bordadeiras.



Mas aqui, o bastidor é pensado dentro de um deslocamento simbólico em que sugere um resignificado à questão de gênero.

Assim, o bastidor, uma espécie de moldura de madeira onde se segura o tecido para bordar passa a ser pensado não como objeto em si, mas como espaço social, situando numa oposição ao palco.

O palco ocupa o lugar da ação, da palavra, do público. O bastidor como lugar do oculto, do que não é exibido, do privado.

Observa-se então a relação entre as divisões de funções e responsabilidades dos espaços públicos e privados que, por sua vez, organizam o espaço social.

Assim, os estudos de gênero procuram mostrar como as referências culturais são produzidas por símbolos, jogos de significação, conceitos normativos e de poder<sup>3</sup>.

O âmbito privado é tecido pelo íntimo e reservado. Características essas que se desdobram em formas de comportamentos de submissão, passividade, obediência.

# História Cultural

<sup>3</sup> SCOTT, Joan. “História das Mulheres” In: *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo, Unesp, 1994.

Desta maneira, os predicados femininos culturalmente construídos passam a ocupar uma determinação pretensamente natural, a 'natureza feminina'.

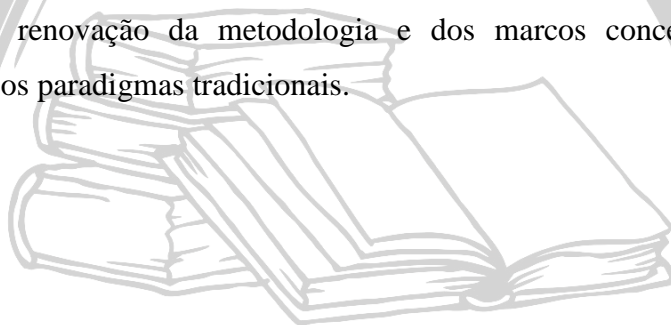
A fixidez do espaço reservado à natureza feminina foi sendo questionada por várias questões que começavam cada vez mais a despertar a atenção social, nota-se a partir da década de 70 uma maior presença feminina no mercado de trabalho, nas universidades e juntamente com esses novos campos de atuação das mulheres elas começam a reivindicar por igualdade e liberdade, essas reivindicações femininas foram a base dos muitos movimentos feministas.

Assim, a ideia de uma história global, generalizante foi sendo questionada e no seu lugar se promoveu a descentralização dos sujeitos, e conseqüentemente, a descoberta de histórias de pessoas comuns<sup>4</sup>.

Nesses novos encaminhamentos da história procurou-se articular, experiências, sentimentos, desejos de pessoas que não estavam inseridas no discurso histórico tradicional. Temas como violência sexual, contracepção, aborto, dupla jornada de trabalho e cidadania começaram a ser intensamente debatidos e levados para órgãos governamentais<sup>5</sup>.

Assim, para dar voz a essas mulheres, ou seja para que essas pudessem dar os seus testemunhos, a historiografia passou a rever imagens e enraizamentos que tempos atrás o discurso universal do masculino tinha cristalizado, velando por sua vez, vozes e práticas femininas.

Trazer esses novos sujeitos à cena histórica implicou ampliações de investigações e renovação da metodologia e dos marcos conceituais tradicionais, mudando assim os paradigmas tradicionais.



<sup>4</sup> MATOS, Maria Izilda. *Por uma história das mulheres*. Bauru: Edusc, 2000.

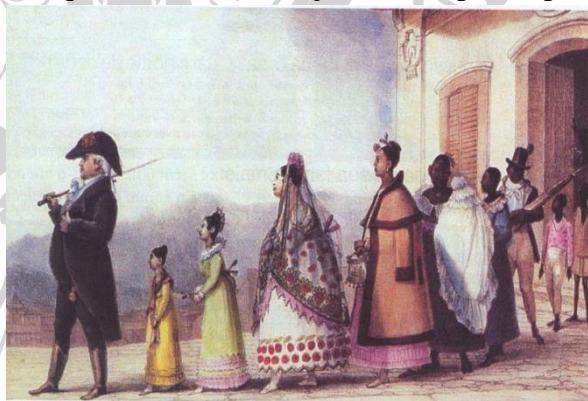
<sup>5</sup> SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: Experiências, Falas e Lutas de Trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

Inserido nesse propósito de questionar antigos paradigmas e ao mesmo tempo revelar novas histórias a obra da artista carioca Adriana Varejão – *Filho Bastardo I* –, revê e revela a história velada do Brasil, com esse movimento propõe reescrever uma outra história revisitando o que fora contada<sup>6</sup>.



Observa-se abaixo, a “matriz”, a qual Adriana Varejão se inspirou para interrogar sobre essa produção velada, na obra de Jean-Baptiste Debret<sup>7</sup>.

Pontos de identificação entre as duas obras se cruzam, nesse cruzamento o funcionário do governo ganha destaque seja na imagem de Varejão, seja na obra de Debret. Varejão inverte a posição do chefe de família que conduz a fila para a cena que se concentra na prática da violência sexual.



Debret apresenta uma cena pacata entre senhores e escravos, em que há uma aceitação do processo hierárquico: pai e chefe de família, seguido por suas filhas, a esposa grávida que é acompanhada pela dama de quarto, seguida pela ama de leite e por outros escravos domésticos, representando assim uma relação sem confrontos, problemas ou tensões.

Esse quadro traduz e reproduz a existência do “mito da democracia racial” em que as diferentes etnias vivem de forma harmônica

<sup>6</sup> Adriana Varejão - *Histórias às Margens* – Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM –SP) – set./2012-dez./2012

<sup>7</sup> Jean-Baptiste Debret (1768-1848) Chega ao Brasil em 1816 com Missão Artística Francesa, nomeado como “pintor de História” em suas telas retratou através do olhar do viajante, a paisagem, a sociedade brasileira, a presença dos escravos, porém seu registro mascara a realidade social.

Para quebrar essa harmonia, Varejão propõe um rasgo no meio da tela, como se fosse possível abrir e penetrar nas entranhas de um mundo escondido, nessa transposição, a artista revela o velado, expondo cenas de violência sexual

Nessa outra obra, *Filho Bastardo II* (óleo sobre madeira- 1997), a artista retoma a questão anterior buscando novas narrativas a partir da releitura da obra “O jantar brasileiro” (1827), novamente de Debret.

Investiga a imagem do senhor que se curva para atender seus prazeres à mesa.



Crianças são apresentadas à cena expressando uma relação tranquila entre senhores e escravos, essa forma de divulgação que esconde o conflito racial, onde representa negros e brancos convivendo sem nenhuma forma de discriminação racial no Brasil.

Varejão desvenda, expondo as formas de violência sexual praticadas entre senhores com escravas. A questão do sexo foi sempre trabalhada com pudor pelos livros didáticos que se apóiam às imagens de Debret permanecendo deste modo, numa representação da ‘ética mascarada’<sup>8</sup>



Nas duas obras apresentadas, a artista Adriana Varejão abre no centro da imagem uma fenda que lembra uma vagina, o órgão genital feminino que pertence ao universo privado, escondido e reservado, agora se mostra de forma explícita e pública. O sexo visto como vergonha sinônimo de pudor é revisto como vergonha sinônimo de infâmia por um passado que para ser narrado precisou esconder muita história.

<sup>8</sup> FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Ática, 1978. O autor refere-se que as manifestações de preconceito são afastadas, ou seja, não é explícito - a ideia do preconceito de não ter preconceito particulariza as expressões de alheamento do branco em relação ao drama do negro e revela a especificidade da discriminação no Brasil, cujo reconhecimento rompe a construção mítica da democracia racial.

## TRAMAS E ARREMATES

Os historiadores narram tramas, que são tantas quantas forem os itinerários traçados livremente por eles, através do campo factual bem objetivo [...] nenhum historiador descreve a totalidade desse campo, pois um caminho deve ser escolhido e não pode passar por toda a parte, nenhum desses caminhos é o verdadeiro ou é a História<sup>9</sup>.

A idéia para elaboração desta apresentação nasceu de um percurso como professora e pesquisadora. Nessa trajetória, acumularam-se informações e sobraram questões que, pelas limitações impostas aos trabalhos acadêmicos terão de aguardar a vez de serem abordadas. Este trabalho pretendeu refletir sobre essas informações, dando continuidade e, ao mesmo tempo, ampliando as pesquisas que venho realizando já há algum tempo sobre temas que circunscrevem a questão de gênero, arte e história.

O primeiro contato com a documentação que definiu o núcleo de interesses e que depois viria direcionar futuros projetos de pesquisa deu-se no doutorado em que buscava mapear um conjunto de normas discursivas responsáveis pela construção de uma concepção ideal de maternidade. A pesquisa focalizou o período do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, momento em que se assiste a uma grande preocupação médica com a mortalidade infantil, que aguardava uma política pública eficiente, capaz de reduzi-la a um patamar aceitável por uma sociedade que se pretendia civilizada<sup>10</sup>.

Tendo como referência bibliográfica a questão de gênero passei a lecionar aulas no curso de Lato Sensu da Universidade Católica de São Paulo na disciplina *Novos Sujeitos Sociais: Etnia e Gênero*. Despertando interesse para pesquisas centradas em questões relacionadas às etnias.

Posteriormente, comecei a lecionar aulas de História da Arte e constituir uma parceria com o Museu de Arte de São Paulo (MAM-SP), as artistas escolhidas e os

<sup>9</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Univeridade de Brasília, 1982.

<sup>10</sup> MORAES, Mirtes de. *Tramas de um destino: Maternidade e Aleitamento, São Paulo, 1899-1930*. Doutorado. PUC-SP

consequentes trabalhos apresentados partiram dessa trajetória, e mostrando dessa forma um possível itinerário para refletir sobre história, gênero e arte.

As artistas escolhidas são mulheres que coincidentemente nasceram no mesmo ano, 1967, são brasileiras e abordam a questão do corpo feminino em suas obras. Como foi possível perceber por meio dessa apresentação, as duas artistas trabalham com formas diferentes sobre violência feminina, tema, que ganha cada vez mais visibilidade no espaço contemporâneo. Observa-se que as questões tornam-se objetos de pesquisa a partir de indagações que surgem do presente. Deste modo, não apenas o tema da violência ganha visibilidade, mas também a forma de manifestação de artistas contemporâneas que ganham um espaço mais visível na arte propondo outros olhares, outros sentidos e outros significados no que se refere a questão do corpo feminino.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. “Teoria e Método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano”. In: *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento de uma prisão*. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2000.

\_\_\_\_\_. “Naissance de labiopolitique” In: *Dits ET écrits – IV*. Paris: Gallimard, 1994.

FRAISSE, Geneviève. “Da destinação ao destino – História Filosófica da Diferença entre os sexos” In: *História das Mulheres no Ocidente*. Vol.4. Porto: Afrontamentos, 1991.

LASCH, Christopher. *A mulher e a vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

LUZ, Madel Therezinha. “O lar e a maternidade: instituições políticas. In: *O lugar da mulher*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MATOS, Maria Izilda. *Por uma história das mulheres*. Bauru: Edusc, 2000.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do mundo feminino” In: *História da Vida Privada no Brasil*” São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



MASSI, Marina. *Vida de Mulheres, Cotidiano e Imaginário*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MORAES, Mirtes de. *Tramas de um destino: Maternidade e Aleitamento, São Paulo, 1899-1930*. Doutorado. PUC-SP.2005.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005.

RAGO, Margareth. “As mulheres na historiografia brasileira”. In: *Cultura histórica em debate*. São Paulo: Unesp, 1995.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: Experiências, Falas e Lutas de Trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOTT, Joan. “História das Mulheres” In: *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo, Unesp, 1994

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Univeridade de Brasília, 1982.

